

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo. Não é um dado natural, mas sim uma construção. Com efeito, o interesse do passado está em esclarecer o presente. O processo da memória no homem faz intervir não só na ordenação de vestígios, mas também na releitura desses vestígios.

(Jacques Le Goff)

Quando pensamos na relação entre memória e construção do que somos como seres humanos, chegamos à conclusão de que há certa autonomia na forma como administramos a vida que construímos e a que herdamos. Consciente ou inconscientemente, escolhemos o que lembrar e o que esquecer como caminho para dar sentido ao nosso passado e desenhar nosso futuro. Ao optarmos pelo tema **memória**, desejamos contribuir com reflexões acerca do papel de cada um de nós nesse processo.

Imaginemos uma situação. Há muitos e muitos anos. Alguém chega a uma terra estranha e inexplorada. Trata de se situar, ver onde há água, de ¹onde vem o vento, que animais e plantas existem nas redondezas. Após algumas tentativas fracassadas, conclui que ²certo ³ponto é o ⁴local mais adequado para providenciar um ⁵abrigo. ⁶Trata de construí-lo e torná-lo o mais confortável possível. Depois encontra alguns vizinhos distantes, com outras vivências diferentes. Trocam experiências, fazem amizade, incorporam mutuamente as descobertas um do outro. Em mais algum tempo, constitui-se um novo núcleo familiar. A casa cresce, ganha uma plantação, um cercadinho para os animais. ⁷Faz-se uma estradinha e uma ponte para facilitar o convívio com os amigos. Novas e crescentes conquistas e aquisições. E assim por diante. Por várias gerações.

Alguns descendentes podem resolver explorar outros lugares. Mas levam a memória da casa, da plantação, das comidas, da ponte. Levam as ferramentas inventadas, os utensílios desenvolvidos, as lembranças acumuladas. E tudo se torna muito mais simples para eles graças a isso. Sua trajetória parte do zero, mas de vitórias e realizações anteriores.

Se um desses descendentes sofrer de uma forma de amnésia total, não conseguirá aproveitar nada do que seus ancestrais fizeram. ⁸Ele não terá a memória das outras experiências. Vai ter que começar do nada. Chegando a uma terra estranha e inexplorada, pode nem ao menos tratar de se situar, ver onde há água, de onde vem o vento, que animais e plantas existem nas redondezas... Talvez procure um abrigo na areia onde a cheia do rio o carregue ou onde as feras vêm beber água. ⁹Não aprendeu com quem viveu antes. ¹⁰Não tem uma experiência anterior que lhe informe nada. Não sabe pescar nem cozinhar, não maneja uma ferramenta, desconhece armas e utensílios. Pior ainda, pode estar em frente à casa que herdou e não saber para que serve aquilo. Pode ouvir o chamado de seus vizinhos e não entender o que lhe dizem.

Reduzido ao instinto, o pobre desmemoriado terá sua própria sobrevivência ameaçada. Um caso de trágico desperdício.

Ou então, pode-se imaginar alguém que deseja muito melhorar de vida e tem na sala uma arca cheia de tesouros que os avós e os pais lhe deixaram. Mata-se de trabalhar, mas nunca supôs que aquele baú fosse mais do que uma caixa vazia. Jamais teve o impulso de arrombá-lo ou a curiosidade de procurar uma chave que o abrisse. ¹¹Todo aquele patrimônio, ali pertinho, ao seu alcance, não lhe serve para nada. Um monumento à inutilidade.

De alguma forma, toda a humanidade passa por riscos semelhantes. ¹²Temos de herança o imenso patrimônio da leitura de obras valiosíssimas que vêm se acumulando pelos séculos afora. Mas muitas vezes nem desconfiamos disso e nem nos interessamos pela possibilidade de abri-las, ao menos para ver o que há lá dentro. É uma pena e um desperdício.

¹³Talvez essa seja a primeira razão pela qual eu sempre quis explorar tudo o que eu pudesse nessa arca e, mais tarde, aproximar meus filhos dos clássicos. Porque eu sei que é um legado riquíssimo, que se trata de um tesouro inestimável que nós herdamos e ao qual temos direito. Seria uma estupidez e um absurdo não exigir nossa parte ou simplesmente abrir mão da parte que nos pertence e deixar que os outros se apoderem de tudo sem dividir conosco.

Ah, sim, porque esse risco também sempre esteve presente na história da humanidade. Tradicionalmente, a leitura devia ser para poucos porque ela é sempre um elemento de poder e podia ameaçar as minorias que controlavam os livros (e o conhecimento, o saber, a informação). Esses ideais de alfabetização para todos e acesso amplo aos livros são muito recentes na História. ¹⁴Mas como estão aí e não há mais jeito para conseguir manter a massa na ignorância total, até parece que surgiu outra tática de propósito: distrair a maioria da população com outras coisas, para que ela nem perceba que tem uma arca cheia de um rico tesouro bem à sua disposição, pertinho, ali no canto da sala. (...)

Assim, à minha reivindicação de ler literatura (o que, evidentemente, inclui os clássicos), porque é nosso direito, vem se somar uma determinação de ler porque é uma forma de resistência. Esse patrimônio está sendo acumulado há milênios, está à minha disposição, uma parte é minha e ninguém tasca. (...)

Direito e resistência são duas boas razões para a gente chegar perto dos clássicos.
¹⁵Mas há mais. Talvez a principal seja o prazer que essa leitura nos dá.

(MACHADO. Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 16-19. Texto adaptado.)

1. “*Trata de construí-lo e torná-lo o mais confortável possível*”. (referência 6)

O emprego do pronome pessoal oblíquo é um dos recursos coesivos na construção do texto. Nesse trecho, as duas ocorrências do pronome fazem referência ao vocábulo

- a) onde (referência 1).
- b) local (referência 4).
- c) certo (referência 2).
- d) ponto (referência 3).
- e) abrigo (referência 5).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo. Não é um dado natural, mas sim uma construção. Com efeito, o interesse do passado está em esclarecer o presente. O processo da memória no homem faz intervir não só na ordenação de vestígios, mas também na releitura desses vestígios.

(Jacques Le Goff)

Colecionar fotos é colecionar o mundo. As fotos são, de fato, experiência capturada, e ¹a câmera é o braço ideal da consciência, ²em sua disposição aquisitiva. ³Imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, ⁴mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir.

Fotos, que enfeixam o mundo, parecem solicitar que as enfeixemos também. São afixadas em álbuns, emolduradas e expostas em mesas, pregadas em paredes, projetadas como diapositivos. Por meio de fotos, ⁵cada família constrói uma crônica visual de si mesma — um conjunto portátil de imagens que dá ⁶testemunho de sua coesão. Um álbum de fotos de família é, em geral, um álbum sobre a família ampliada — e, muitas vezes, o que dela resta.

⁷Assim como ⁸as fotos dão às pessoas a posse imaginária de um passado irreal, ⁹também as ajudam a tomar posse de um espaço ¹⁰em que se acham inseguras.

(SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 14-5 e 19. Texto adaptado.)

Vocabulário

Diapositivo: imagem positiva, estática e translúcida, de modo geral em película, e que se pode projetar; imagem fotográfica.

Enfeixar: amarrar ou prender em feixe; colocar junto; ajuntar; reunir.

2. O uso de palavras que se referem a outras já enunciadas evita sua repetição exaustiva e confere fluidez ao texto. No texto de Susan Sontag, a palavra empregada com esse objetivo e o termo ao qual ela se refere estão corretamente associados em

- a) “em sua disposição aquisitiva.” (referência 2) — experiência.
- b) “mas sim pedaços dele,” (referência 4) — mundo.
- c) “testemunho de sua coesão.” (referência 6) — crônica.
- d) “também as ajudam” (referência 9) — fotos.
- e) “em que se acham inseguras.” (referência 10) — pessoas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O Tempo e o Amor

¹Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. ²Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera! ³São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas que partem do centro para a circunferência, que, quanto mais continuadas, tanto menos unidas. ⁴Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor ⁵menino, ⁶porque não há amor tão robusto, que chegue a ser velho. ⁷De todos os instrumentos com que o armou a natureza o desarma o tempo. ⁸Afrouxa-lhe o arco, com que já não tira, embota-lhe as setas, com que já não fere, abre-lhe os olhos, com que vê o que não via, e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença, é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhes os defeitos, enfastia-lhes o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. ⁹Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor? ¹⁰O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos.

(VIEIRA, Pe. António. *Sermão do Mandato*, parte III, In: Sermões. Porto: Lello & Irmão, 1959. p. 94.)

Vocabulário:

Embotar: tornar menos cortante, menos agudo.

Enfastiar: causar ou sentir tédio (fastio).

3. O vocábulo “**menino**” classifica-se morfologicamente como substantivo. Entretanto, em “Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino” (ref. 5), a mesma palavra assume valor de adjetivo.

O trecho do texto em que uma palavra também assume valor diferente do morfologicamente previsto é

- a) “Gasta-se o ferro com o uso” (ref. 9)
- b) “São as afeições como as vidas” (ref. 3)
- c) “porque não há amor tão robusto” (ref. 6)
- d) “O mesmo amar é causa de não amar” (ref. 10)
- e) “Afrouxa-lhe o arco, com que já não tira” (ref. 8)

4. De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa e com a gramática normativa e tradicional, assinale a alternativa em que o termo destacado tem valor de advérbio.

- a) Não há **meio** mais difícil de trabalhar.
- b) Só preciso de **meio** metro de aniagem para sacos de carvão.
- c) Encarou os meninos carvoeiros, esboçando **meio** sorriso.
- d) Os carvões caíram no **meio** da estrada.
- e) Achei o menino **meio** triste, raquítico.